

ENTREVISTA COM O ESCRITOR JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Por Alexandre de Melo ANDRADE¹

- 1) João, é notório que o conto e a crônica atravessam de modo contundente sua produção. Em que momento você percebeu que tais tipologias textuais demarcariam sua trajetória?

Eu entrei no universo literário por meio da poesia. Mas logo percebi que as histórias, trazidas pela vida ou egressas dos livros, me encantavam ainda mais – era como se, ouvindo-as ou lendo-as, eu me sentisse plenamente à vontade naquele elemento ficcional. Transitando pelas histórias, tanto aquelas voltadas para mundos distantes e imaginários, quanto para aquelas lastreadas nas vivências cotidianas, eu me dei conta de que descobrira o meu *habitat*.

- 2) O que você se recorda das suas primeiras produções, ou seja, aquelas anteriores à publicação de *As flores do lado de baixo* (1991)? Você chegou a publicar parte destas produções, ou ficaram dispersas na memória do João escritor iniciante?

Minha produção inicial foi de poemas. Depois, vieram as narrativas adultas e, embora eu tenha estreado na literatura com a obra infantil *As flores do lado de baixo*, só fui me dedicar a este gênero mais adiante. Publiquei duas coletâneas de poemas em edições independentes e, de certa forma, o contato inaugural com a poesia acabou por desaguar em minha prosa. Ainda antes de estrear em livro, publiquei também vários contos curtos para adultos em revistas e suplementos literários.

¹ Pós-doutorando pela UNESP/Araraquara. Professor de Teoria Literária e Literatura Brasileira pela AFARP-UNIESP - 14010-060. Email: alexandremelo06@uol.com.br

- 3) Ainda que você tenha deixado o interior paulista para seguir carreira acadêmica em São Paulo, é evidente como ainda as imagens e costumes interioranos aparecem em seus textos. Você considera que a vida permeada pelas imagens e costumes rurais e das pequenas cidades é um fator preponderante para sua produção? Entre o mundo rural – ligado diretamente ao seu passado – e o mundo da metrópole – da sua vida presente –, qual lhe exerce maior encantamento? Por quê?

A vida das pequenas cidades é parte de minhas raízes, e a proximidade com o campo forjou o meu sensorium. Me sinto levado pela memória a regressar sempre a este território, a buscar outras águas nesta nascente, como se dela manasse todo o meu mistério e onde fosse possível eu encontrar a chave de minha existência. Por outro lado, o mundo urbano também me fascina. E pelos mesmos motivos: porque, vindo morar na cidade grande, descobri outros “campos” na metrópole, outras maneiras de observar a existência humana (ao mesmo tempo que sou um grão dela).

- 4) De que modo sua formação de publicitário, bem como sua atuação nesta área, dialoga com sua carreira de escritor?

A atividade publicitária me obrigou a “contar” histórias em poucas linhas nos anúncios de mídia impressa e em um minuto ou trinta segundos nos spots de rádio e comerciais de televisão. Assim me ensinou a ser mais econômico, a perseguir a precisão e a concisão. E também a transitar por diversos pontos de vista, o que sempre enriquece o ofício de um escritor. Mais do que criador, o escritor é um observador da realidade, do tempo presente e da aventura humana.

- 5) Em sua obra *Espinhos e alfinetes*, publicada em 2010, você desenvolve temas ligados às inquietações da condição humana. Você considera que tal sondagem intimista foi se apoderando de suas últimas obras, ou está presente em toda a sua produção?

Estamos sempre presentes naquilo que fazemos. Nossas virtudes e nossas deficiências estão nos traços que demarcam nosso rosto. Assim é também com os temas, as inquietações e as nossas próprias obsessões. Especialmente em *Espinhos e alfinetes*, a ênfase na inevitabilidade das dores (as naturais, os espinhos; e aquelas que nós mesmos nos provocamos, os alfinetes), somada ao espanto da finitude, é mais forte. E era este mesmo o meu propósito ao escrever o livro. Como contraponto, na coletânea de contos seguinte *Aquela água toda*, trabalhei mais com as situações de iniciação, atenuando o peso do fim e enfatizando as epifanias dos começos.

- 6) Você acredita ser de grande valia, na literatura contemporânea, a discussão acerca das diferenças e aproximações entre o conto e a crônica?

É uma questão mais acadêmica, de categorização de textos, de se estabelecer um cânone para cada um desses gêneros. Tem relativa importância para quem estuda teoria literária, mas não sei se para quem produz literatura, ou mesmo para o leitor comum.

- 7) Que autores lhe exerceram maior fascínio durante a sua infância/adolescência? E hoje, que autores – seja no âmbito da poesia ou da prosa – têm despertado seu interesse?

No período de formação, li muita poesia de Drummond, Bandeira, João Cabral de Melo Neto. Na prosa, fascinava-me a obra de Machado de Assis, Faulkner e Cortázar. Hoje, aprecio Roth, Coetzee, Pamuk, Amós Oz e Villa-Matas, entre outros. Gosto sobretudo de poetas e prosadores que apresentam universos literários autênticos, como Adonis, Herta Muller ou Wislawa Szymborska. Literatura é uma navegação sem rumo, e um dos prazeres de ler é poder viajar de um autor a outro, sair de um universo ficcional com características de ilha e, de súbito, aportar num continente, e vice-versa.

- 8) Seu texto é permeado pelas relações familiares, onde é flagrante a figura do “outro”, de onde emerge uma escrita que toca nas raias da afetividade e do lirismo. Tal abordagem, ainda que sutil em sua transparência, revela profundezas nas relações humanas e no indivíduo em si. É dessa forma que você se lê a si mesmo?

A vida só tem sentido em nossas interações com o outro. A alteridade é a lição primeira de respeito à diferença, de exercício da tolerância e de busca pela comunhão. E o outro, em geral, a gente descobre diante dos mais próximos, daqueles que vivem na mesma casa, portanto, os nossos familiares, embora depois esse contato se estenda para os seres mais distantes, enfim, para o mundo todo.

- 9) Vivemos num momento de paradoxos em se tratando da produção literária no país. Grande parte da população não é leitora e, ainda que tenha passado pelas séries escolares, não possui motivação nem autonomia propulsora para a leitura. Por um lado, as leituras realizadas pela maioria dos que se julgam leitores vão da autoajuda aos *best-sellers*, com pouca imersão nos chamados clássicos da literatura. Por outro, há uma profusão de obras expostas em ambiente virtual, bem como postagem de poemas, contos e crônicas, além de produções independentes expostas em *blogs, facebook, sites* etc. Como você vê o cenário atual de leitura e produção de textos literários em nosso país?

O mundo virtual abriu um espaço novo e singular para a circulação de textos literários. O “consumidor” de literatura também se arvora em ser um produtor. Mas a circulação mais ampla de um texto não garante a sua leitura, sobretudo se o texto não chegou ainda ao estatuto de literatura. Lembro de Walt Whitman em seu poema “As folhas da relva”. Nele, o poeta norte-americano diz “Solto meu grito bárbaro sobre os telhados do mundo”. É legítimo, para qualquer um, lançar o seu grito sobre os telhados do mundo. Mas é essencial saber o que o difere de outros gritos para ser escutado e interessar aos demais. Na esfera oficial, há muitos programas de fomento à leitura, que são de fato relevantes. Mas é preciso primeiro ensinar as pessoas a lerem os seus semelhantes – a leitura de si e do outro precede a leitura da palavra.